

Museu de Electricidade

por **V. Abelaira Gomes**

Museu de Electricidade

EDP - Electricidade de Portugal



1 - O Museu hoje

1.1 - Imagem

O Museu de Electricidade é um Museu de empresa e está instalado nos edifícios de uma antiga central de produção de electricidade, chamada Central Tejo.

A antiga central alimentou em electricidade a cidade de Lisboa e os seus arredores desde 1919, levando este serviço até uma distância de cerca de 80 km, só tendo perdido importância com a criação da rede eléctrica nacional em 1950, o que

marcou o seu declínio, até que foi desactivada em 1975.

A EDP - Electricidade de Portugal, empresa proprietária da Central, resolveu então transformá-la em Museu. Depois de estudos aprofundados e de grandes trabalhos de restauro, o Museu abriu as suas portas ao público em 1990.

Como Museu de empresa, este Museu é um instrumento privilegiado para projectar a imagem da empresa junto do seu público (afinal os consumidores da electrici-

dade) proporcionando a esse público um espaço onde pode familiarizar-se com a electricidade e onde é possível manter também pontos de contacto em actividades de outra índole (espectáculos culturais, exposições temporárias de artistas plásticos, reuniões sócio-culturais, etc.).

1.2 - Projecto Cultural

A visita ao Museu vale, não só pelo próprio edifício, como pela colecção de máquinas que contém, tais como dínamos e motores eléctricos do século XIX, motores a vapor, caldeiras, condensadores e outros equipamentos de produção e de utilização de energia eléctrica. Como projecto cultural, o Museu dispõe de maquetas e simuladores

As obras de conservação respeitaram integralmente a Central Tejo, mantendo-se mesmo todo o equipamento

de redes com função marcadamente didáctica (o Museu é visitado por quatro a oito escolas por dia durante o ano lectivo) e desenvolveu várias exposições próprias, de carácter histórico e técnico, de que se destacam:

- História da Central Tejo
- História da Iluminação, das origens à electricidade
- Electricidade e modernização do quotidiano.

Outras ainda estão em preparação, nomeadamente, uma exposição interactiva explicando o que são os fenómenos electromagnéticos e o modo como são utilizados nas aplicações da electricidade, conhecidas de todos.

Os outros acontecimentos culturais

acima referidos, tais como exposições de artistas plásticos e outros, são em geral de iniciativa destes.

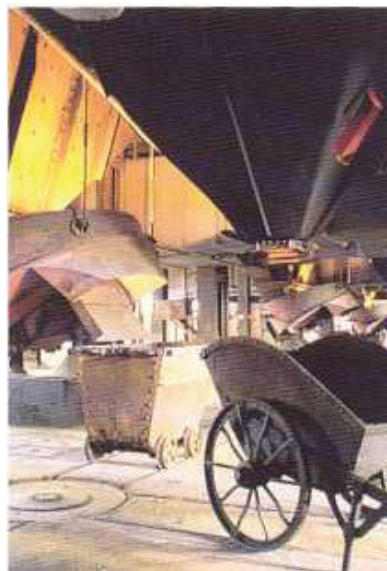
1.3 - O seu lugar no território

O Museu de Electricidade está situado na zona ocidental de Lisboa, na margem do rio Tejo, numa área rica em monumentos (Igreja e Convento dos Jerónimos, Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos) e museus (Museu dos Coches, Museu de Arqueologia, Museu da Marinha, Museu da Criança, Museu de Arte Popular, Museu de Etnografia, Planetário). Situa-se também na proximidade um importante Centro Cultural, chamado de Belém (exposições, concertos, espectáculos diversos) e outro edifício notável que também acolhe exposições e feiras, a antiga Cordoaria Nacional.

2 - Museu de Electricidade - O lugar arqueológico

2.1 - História do edifício

O conjunto de edifícios da Central Tejo, que hoje acolhe o Museu de Electricidade, foi começado a construir em 1914, tendo sido concluída a primeira fase em 1919.



Ao longo de 30 anos sofreu sucessivas ampliações para conter as máquinas necessárias aos aumentos de potência que os consumos exigiam, atingindo nos anos 50 o seu aspecto actual que

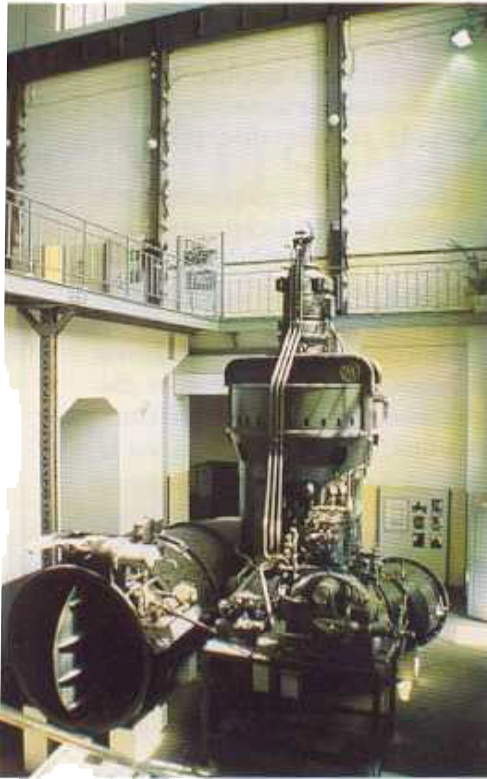
mostra que houve sempre a preocupação de manter uma grande unidade arquitectónica, unidade essa que quase esconde as fases de crescimento por que passou.

A Central Tejo foi construída para substituir outras centrais mais antigas, de pequena potência, que tinham sido instaladas em zonas urbanas mais populosas onde incomodavam os moradores vizinhos, devido às vibrações das máquinas, segundo o que é referido na altura, e onde aliás não havia já condições para ficar.

A escolha do sítio, à beira do Tejo, num espaço então quase deserto, pois tinha sido recentemente conquistado ao rio, ficou a dever-se também às vantagens da proximidade do rio para a recepção do carvão (transportado em navios e depois transferido para embarcações mais pequenas - as fragatas) e para a descarga das cinzas resultantes da queima do carvão (também transportado por barcos para os locais de depósito final), assim como para a disponibilidade de água para arrefecimento, condição indispensável para uma central térmica daquela potência.

Depois de ter cumprido a sua missão, produzindo energia ao longo de um período de mais de 50 anos, embora nos últimos vinte apenas com carácter de apoio à rede em anos secos ou como central de emergência, a Central Tejo produziu energia eléctrica pela última vez em 1972 e acabou por ser desactivada em 1975. Foi então que a EDP - Electricidade de Portugal, sua proprietária, decidiu convertê-la em Museu, depois de um estudo de viabilidade e interesse.

As obras de conservação respeitaram integralmente a Central Tejo, mantendo-se mesmo todo o equipamento de produção de energia eléctrica existente à data da decisão de conversão em Museu. Apenas foram substituídos os vidros partidos, reparados os telhados, e pintadas as paredes e estruturas metálicas. Empreendeu-se também um vasto conjunto de obras necessárias para evitar a continuação da degradação por corrosão.



2.2 - Condições de trabalho

As condições de trabalho na Central Tejo, como aliás acontecia na maior parte das unidades industriais da época, eram penosas. Muitas das tarefas que hoje são motorizadas e automatizadas, eram então manuais. O carvão era descar-

■ ■
*O edifício está
 classificado como
 Imóvel de Interesse
 Público desde 1986*
 ■ ■

regado em cestos que eram transportados à cabeça até às máquinas e, mais tarde, ao sistema de elevação (tapetes rolantes e noras); as cinzas eram colocadas em vagonetas empurradas por homens até ao barco que as havia de levar; mas o pior era o trabalho na zona das caldeiras, devido ao calor e ao fumo suportados pelos homens que forneciam o carvão às caldeiras.

2.3 - Realidade social e urbana
 Embora tenham trabalhado na Central Tejo centenas de trabalhadores, nunca houve construção de habitações nas imediações da Central, não por se recrearem então os efeitos da poluição, mas por se tratar nessa altura de uma área industrial e porque tinham sido reservados espaços para eventuais ampliações futuras.

Assim, não foi necessário um grande trabalho para recuperar as zonas envolventes, que apenas tiveram de ser embelezadas para melhor se enquadrarem num projecto entretanto iniciado, por feliz coincidência, de “devolver” o rio a Lisboa, desfazendo as barreiras que durante muito tempo tinham isolado a cidade do seu rio, ao longo de muitos quilómetros. A maior parte das áreas próximas encontrase hoje ajardinada. Para dar maior visibilidade à Central Tejo, o seu muro antigo, considerado demasiado opaco, foi substituído por uma vedação quase transparente. Assim, o Museu situa-se hoje numa zona de lazer onde, quer o cidadão, quer o turista, passeiam descuidadamente, visitam museus ou praticam desporto, por exemplo, ou aproveitam os restaurantes e esplanadas de cafés que por ali abundam.

3 - A transformação

3.1 - Projecto

Como já foi dito noutra lugar, o projecto de conversão da antiga central em Museu procurou respeitar tanto quanto possível o património arquitectónico e técnico existentes à data da decisão da criação do Museu: tanto os edifícios como os equipamentos de produção foram preservados.

Apenas a utilização dos espaços foi alterada, como é evidente. Os três corpos, adjacentes entre si, em que estava instalada a Central Tejo, estão hoje dedicados a actividades museológicas ou culturais. Noutra edifício próximo continua a funcionar uma das subestações de distribuição de energia eléctrica à cidade de Lisboa (em alta e média tensão). Duas habitações, que dan-

tes eram ocupadas por técnicos permanentes responsáveis pelo funcionamento da central, estão ainda por utilizar, mas conservam-se ainda, além destas, os edifícios da carpintaria e da serralharia mecânica, embora não estejam em estado de serem apresentados ao público. Um outro importante conjunto de edifícios contém um interessante Centro de Documentação onde se guarda e estuda a documentação das empresas que fizeram história na distribuição de energia eléctrica em Portugal.

3.2 - Actores

Dada a sua localização na cidade de Lisboa, junto ao rio Tejo, e considerando ainda a importância arquitectónica do edifício como exemplar notável de arqueologia industrial, pois o edifício está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1986, intervieram na transformação da Central Tejo em Museu a Câmara Municipal de Lisboa, a Administração do Porto de Lisboa e o Instituto Português do Património Arquitectónico.

Em conjunto com essas entidades, e recorrendo aos seus próprios serviços técnicos (de arquitectura e de engenharia de diversos ramos) assim como a diversos empreiteiros, a EDP - Electricidade de Portugal restituiu ao edifício da Central Tejo as condições para que pudesse funcionar condignamente como Museu.

3.3 - Realização

As obras principais duraram 5 anos, mas ainda hoje se mantém o esforço de preservação, tanto em pequena conservação como em grandes trabalhos de recuperação. A protecção contra a corrosão é uma preocupação constante, dada a proximidade do mar, que está a menos de 3 quilómetros, fazendo-se sentir fortemente a influência das marés na zona do Museu. O facto de o Museu conter muitos equipamentos metálicos (tubagens e máquinas) e de a própria estrutura do edifício ter uma armação resistente em ferro, apesar de em grande parte envolvida pela construção em tijolo, torna-o muito vulnerável à corrosão. ■